

Comércio engajado

As lojas que se especializaram em vender produtos com o selo do politicamente correto

O paulistano que se preocupa em comprar os produtos considerados politicamente corretos — anunciados como inofensivos à natureza ou elaborados por comunidades carentes — contava, até pouco tempo atrás, com raríssimas opções. Quem não queria pagar uma fortuna por uma mesa feita com madeira de reflorestamento tinha de se contentar em escolher toalhas e panos de prato em bazares organizados por entidades assistenciais. Agora esse tipo de comércio se está tornando mais comum na cidade, com pelo menos cinco lojas especializadas. Elas trabalham com móveis, artesanatos, peças de decoração e papelaria, material de escritório, roupas, acessórios pessoais, livros, tintas e brinquedos. Vários desses artigos têm design sofisticado e boa qualidade de fabricação.

A Projeto Terra, no Shopping Villa-Lobos, inaugurada em maio, vende peças produzidas por trinta entidades filantrópicas de todo o país. Lá, encontra-se desde um porta-retratos feito com eucalipto certificado (24 reais) até uma mandala de restos de madeira, sucata de ferro e lata (1 520 reais). “A idéia é que a pessoa compre por ter gostado, e não por caridade”, diz o proprietário Ricardo Pedroso. Seus móveis são fabricados pela Orro & Christensen, que possui loja própria em Pinheiros. Trata-se de uma linha de mobília licenciada pela organização ambientalista WWF com o selo do Conselho de Manejo Florestal (FSC na sigla em inglês), uma das ONGs mais conhecidas do setor.

A exemplo dos alimentos orgânicos, em geral o que está à venda com o selo da correção política sai mais



FOTOS MARINO RODRIGUES



Sede da Projeto Terra: objetos como a gamela de saco de cimento e fibra de bananeira (acima)



O showroom da Orro & Christensen: parceria com a ONG Cidade Escola Aprendiz para comercializar mosaicos



diz Claudio Felisoni, coordenador-geral do Programa de Administração de Varejo da USP. Ainda assim,

aos poucos o marketing engajado vai ganhando seu espaço na cidade.

MARCELLA CENTOFANTI

caro que o convencional. "Nosso custo de produção é cerca de 30% maior", afirma Mauro Tozzi Neto, administrador da loja Etel Interiores, no Jardim Paulistano, que também trabalha com madeiras certificadas pelo FSC. "A procura por esses produtos é uma tendência mundial", acredita Frank Guggenheim, diretor executivo do grupo ambientalista Greenpeace brasileiro. "Em países como França, Alemanha e Inglaterra, muitas empresas fazem su-

cesso trabalhando com matéria-prima que não agride a natureza." Um de seus símbolos mais divulgados é a marca de cosméticos inglesa The Body Shop. Presente em cinquenta países — e com planos de instalar-se por aqui —, ela especializou-se em produtos de beleza à base de ingredientes naturais e está constantemente envolvida em movimentos ecológicos e sociais. "No Brasil, a maior parte do mercado ainda é pouco sensível a tais argumentos",

■ Espaço Greenpeace, Rua Adolfo Tabacow, 261, Itaim Bibi, ☎ 3078-3465; ■ Etel Interiores, Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1834, Jardim Paulistano, ☎ 3064-1266; ■ Mundaréu, Rua Mourato Coelho, 988, Vila Madalena, ☎ 3032-4649; ■ Orro & Christensen, Rua Mateus Grou, 613, Pinheiros, ☎ 3819-2933; ■ Projeto Terra, Shopping Villa-Lobos, ☎ 3021-7873.

Móveis da Etel, que usa madeiras nativas da Amazônia: extraídas de acordo com o plano de manejo florestal

